

DISCURSO DE RECEPÇÃO

AO ACADÊMICO FABRICIO CARVALHO

Acadêmico Valerio de Oliveira Mazzuoli

(29 de fevereiro de 2024, em ano bissexto)



Prezados Confrades e prezadas Confreiras da Academia Mato-Grossense de Letras. Ilustres membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Distintas autoridades e dispositivo de honra.

Senhoras e senhores.

Passado mais de um século em contínua atividade, a Academia Mato-Grossense de Letras hoje novamente se reúne, nesta sessão extraordinária, para recepcionar em seu seio e dar posse a mais um importante Acadêmico.

A presente data, que, por si só, já seria completamente significativa dada a sua relevância e importância, ganha também uma característica literalmente ímpar, exatamente porque hoje – 29 de fevereiro de 2024 – é dia que somente vem à luz a cada quatro anos, pela conhecida necessidade de ajuste do calendário terrestre

com inclusão de mais um dia nos anos bissextos. Este ano de 2024 é bissexto e, exatamente hoje, aqui estamos a suplementar com este dia ímpar o mês de fevereiro. Por isso, a data de hoje é, por mais de um motivo, *única*.

Estou certo de que a mística e a singularidade desde *ano e dia* também tornarão especial este momento de posse e de recepção de novo Confrade no seio da nossa Academia de Letras, esta que tem sido o berço dos escritores que laboram em Mato Grosso, durante mais de um século. Mas não só isso. É também a Casa que tem se permitido, especialmente nos últimos tempos, estar cada vez mais aberta às artes e à cultura em geral, e esta noite é a prova mais fiel dessa constatação.

Talvez, num passado recente, não nos tenhamos dado conta do viríamos a presenciar no futuro. Porém, hoje, tem sido possível melhor compreender o que autoriza que *outras* expressões intelectuais rompam a barreira até então intransponível e meramente *livresca* das Academias de Letras, para penetrá-las e delas fazer parte, tal o filho temporão que chega à família a destempo e modifica os hábitos de uma rotina, muitas vezes, entediante e enfadonha.

Nos dias atuais, passamos finalmente a aceitar que não só de *palavras* sobrevive uma Academia de Letras, senão também daquela literalidade que navega por outros mares do conhecimento, como

as artes. Assim, sabe-se bem, é a ópera, o oratório ou a cantata junto ao *libreto*. Assim é, também, o intelecto do músico que faz do acompanhamento do solista a sua profissão de fé, compreendendo todo o fraseado e o sentido linguístico operado pelo interlocutor-cantor para o fim de preencher com harmonia aquela expressão fonética da cultura, transformando o canto – e as palavras que nele se contêm – numa simbiose de períodos e sons inseparáveis, em um *todo* que só faz sentido *unido*.

Esta Academia de Letras se abre, hoje, a várias dessas expressões culturais, que a preenchem de significado nestes tempos em que a arte e a cultura de alto nível parecem tão desprestigiadas. As portas deste Sodalício representam o acesso a um universo sonhado por muitos, mas atingido por poucos; e, por sermos tão poucos, temos a enorme responsabilidade de fazer ingressar nesta Academia de Letras homens e mulheres de alto valor cultural, sobretudo para Mato Grosso e para os milhares de pessoas que, do lado de fora desta Casa, anseiam por receber de nós uma resposta viva daquilo que se faz passar e produzir aqui dentro.

Esta responsabilidade, não tenho dúvidas, foi completamente atingida com a eleição do novel Acadêmico que passamos a receber e a abraçar agora, dando-lhe posse nesta Instituição centenária. A sua história, a sua trajetória, a sua produção intelectual e artística, bem assim o seu incontestável

carisma foram determinantes para a nossa decisão de trazer à Casa Barão de Melgaço este novo Acadêmico, que chega agora para somar conosco na sublime – e, paradoxalmente, também *penosa* – tarefa de sustentar as letras produzidas neste Estado.



Senhoras e senhores.

Desde a sua fundação, esta Academia tem recebido em seu seio homens e mulheres movidos pela incandescência da produção intelectual, pela vontade de transformação e pela necessidade premente de manter viva a cultura, nas suas mais variadas formas. Tal produção intelectual tem sido expressa, como tradição, à base física do que se denomina *livro*. No entanto, não apenas a literatura poética, bem como a dos romances, dos contos e das novelas tem sido aceita nesta Academia de Letras desde sempre, senão também outras formas de expressão literária, como a provinda da pena dos jornalistas, dos historiadores e dos juristas.

Tal foi o que levou Dom Aquino Corrêa a eternizar, no discurso que proferiu por ocasião da instalação do Centro, hoje Academia Mato-Grossense de Letras, em 7 de setembro de 1921, a verdadeira razão de ser desta tão seleta agremiação, colhendo-a dos escritos de Jesus Ben Sirac no deuterocanônico livro de Eclesiástico,

Capítulo 44, Versículo 6: *Pulchritudinis studium habentes*, ou, no vernáculo, os “estudiosos da beleza”.¹

Quando se lê todo o Versículo 6 do Capítulo 44 do Eclesiástico – este livro que foi escrito por volta de 180 a.C – tem-se a exata noção daquilo que pretendeu o nosso fundador Dom Aquino ao fixar, vez por todas, o signo imortal desta Academia: “Homens ricos de virtude, que tinham gosto pela beleza...”.

É o gosto pela beleza, portanto, que deve unir aqui Confrades e Confreiras em prol de um ideal comum, que é fazer desenvolver as letras, a arte e a cultura no Estado de Mato Grosso. Essa, não há dúvidas, é a nossa razão de ser enquanto Instituição e agremiação lítero-cultural, certo de que, hoje, esta Casa honra mais uma vez a sua tradição, pois passa a receber em seu seio pessoa de trato refinado, que ama e adora o belo, que compreende devidamente as expressões culturais e é especialista na arte de fazer música.

Pela primeira vez nesta Academia de Letras nestes mais de cem anos não estamos a receber um professor de literatura, um poeta, um romancista, um jornalista, um historiador ou um jurista, mas sim um *Maestro* no sentido técnico-musical da palavra, habilitado na arte da regência e da composição musical.

1. CORRÊA, Dom F. de Aquino. *Terra natal: versos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940, p. 21.

Estamos a seguir, aqui, o que já fez a nossa coirmã Academia Paulista de Letras em dezembro de 2009, quando empossou como Acadêmico o Maestro Júlio Medaglia, na Cadeira nº 3, sob o patronato de Mathias Aires, e que, em abril de 2018, tornou também imortal o Maestro João Carlos Martins, na Cadeira nº 13, sob o patronato de Alexandre de Gusmão. Em tempos mais remotos, nos idos de 1968, tomava posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras o maestro e compositor Oswaldo de Souza, primeiro ocupante da Cadeira nº 33 daquele Sodalício.

Estamos aqui, portanto, muito bem acompanhados. Hoje, Mato Grosso se ombreia às Academias coirmãs brasileiras para dar posse, como Acadêmico, àquele que podemos chamar de “nosso” Maestro.



Confrades e Confreiras. Distinto dispositivo.

Luis Fabricio Cirillo de Carvalho é paulistano, que nasceu em 26 de setembro de 1974, filho de Eduardo de Carvalho e de Nilza Cirillo. Começou, desde muito cedo, a estudar música, iniciando, em Barueri, interior do Estado de São Paulo, com aulas de piano com a sua primeira professora, Ruth Fujimoto. Alguns anos depois, já pré-adolescente e residindo em Cuiabá, após mudança com a família acompanhando a transferência de trabalho do pai, matriculou-se, em 1985, no Colégio Patronato Santo Antônio, da

Missão Salesiana de Mato Grosso, continuando os estudos normais sempre junto dos estudos musicais. No ano seguinte, ingressa na Escola Preparatória de Instrumentistas da Orquestra Sinfônica da UFMT, e, na mesma Universidade, inicia, em 1992, o curso de engenharia civil, abandonando-o definitivamente em 1997 para seguir e dedicar-se exclusivamente à música. Àquela altura, tinha já sido aprovado em concurso público da UFMT para técnico instrumentista, tomando posse no quadro técnico da Instituição em 12 de janeiro de 1995. Transcorridos exatos dois anos e meio de sua posse, em 12 de julho de 1997, ascende ao posto de Regente Titular e Diretor Artístico da Orquestra Sinfônica da UFMT, posição em que permanece até hoje. No âmbito acadêmico, graduou-se em Regência Orquestral pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro (2000) – e ali foi aluno dos renomados maestros Marco Maceri, Alceo Bocchino e Eduardo Ostergren – e fez Mestrado em Música na Universidade de Campinas – Unicamp (2004). No âmbito da gestão universitária, foi Pró-Reitor de Cultura, Extensão e Vivência da UFMT por três mandatos: o primeiro de 2008 a 2012, o segundo de 2012 a 2016 e o terceiro de 2022 a 2024, buscando sempre ampliar o acesso da comunidade universitária às ações culturais da Universidade nas plataformas de audiovisual, das artes plásticas, do cinema e do teatro. Foi também Secretário de Articulação e Relações Institucionais da UFMT de outubro de 2016 a 2018, cujo trabalho foi expandir as relações institucionais da

Universidade com o mercado produtivo, as prefeituras, o Governo do Estado e o Governo Federal, proporcionando convênios e permitindo que a pesquisa aplicada chegasse até a sociedade de maneira direta e, sobretudo, prática. À frente da Orquestra Sinfônica da UFMT, tem desenvolvido projetos de dinamização da música erudita orquestral, por meio de concertos realizados em Cuiabá e no interior do Estado. Guarda grande preocupação com a música brasileira de concerto, programando, sempre, obras de compositores nacionais e estreias mundiais em seus concertos. No campo da música popular brasileira, trabalhou, entre outros, com Gilberto Gil, Gal Costa, Flávio Venturini, Guilherme Arantes, Renato Teixeira e com os grupos Roupas Nova e 14 Bis, na direção de espetáculos junto à Orquestra Sinfônica da UFMT. No Rio de Janeiro, regeu as Orquestras de Câmara do Conservatório Brasileiro de Música e da Petrobrás Pró-Música. Em São Paulo, regeu a Orquestra Sinfônica de Bragança Paulista e de Campinas, e, em Minas Gerais, a Orquestra do Sesi-Minas e a Orquestra Opus. Produziu e dirigiu a primeira ópera realizada em Mato Grosso, *A Flauta Mágica*, de Mozart, em parceria e com recursos da iniciativa privada e do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Além das atividades de regência orquestral, é autor de trilhas sonoras para teatro, cinema e televisão, tendo canções gravadas por diversos artistas do país. Na iniciativa privada, é sócio-proprietário da Cia. Sinfônica, uma das três maiores produtoras de eventos artísticos do

Brasil em sua área, com participações em todo o país e em países como Estados Unidos, México, França, Itália, República Dominicana, Argentina, Paraguai, Canadá e Japão.

Num país que consome pouquíssima música de qualidade, que não permite que crianças e jovens conheçam os artistas universais e tornem-se músicos de gabarito, e que não conta com políticas públicas adequadas voltadas à valorização da arte e da cultura, o trabalho do Maestro Fabricio Carvalho constitui, *per se*, um diferencial a ser levado em consideração.

Trabalhamos, eu e o Mastro Fabricio, na mesma Universidade. Separa-nos uma avenida, que divide a Faculdade de Direito do Teatro Universitário. Aos meus alunos, nas noites engalanadas de Teatro iluminado, digo sempre para atravessarem a avenida e frequentarem o teatro, pois é ali que a arte e a cultura se realizam em nosso seio. No entanto, se temos nós a ventura de frequentar espetáculos atravessando uma avenida dentro da Universidade, esta não tem sido, lamentavelmente, a sorte de milhões de brasileiros. Por isso, o labor do novel Acadêmico que ingressa agora a esta Casa Barão de Melgaço é digno de nota, especialmente porque – repita-se mais uma vez, num país que não valoriza a arte e a cultura e não destina recursos coerentes para o seu progresso e desenvolvimento – nadar contra a corrente e vencer a correnteza é mister que poucos logram realizar com êxito.

Ademais, não faltassem outras razões para tanto, o Maestro Fabricio Carvalho é intelectual que orgulha o Estado de Mato Grosso, onde, desde muito cedo, desenvolve a sua atividade artística e cultural, bem assim, mais recentemente, literária. Quanto a esta última, no entanto, tenho a obrigação de tecer mínima advertência ao novel Acadêmico que hoje aqui passa a ingressar, para o fim de que conheça a verdadeira insígnia de pertencer a esta agremiação tão pequena numericamente, mas tão sublime e grandiosa em seus reais e efetivos propósitos.



Senhor Maestro Fabricio Carvalho.

Existe – poucos sabem desse verdadeiro mister – uma responsabilidade intrínseca a todos aqueles que integram as Academias de Letras, tanto aqui como em todo o resto do mundo, relativa à obrigação de manter imorredoura a palavra, pelo que, como decorrência, há de se levar a cabo, com insistência, a nobre e sublime missão de *escrever*. Estamos, portanto, quase que obrigados a escrever sempre e cada vez mais aprofundadamente, preservando as letras da terra para o porvir imorredouro, como emblema daquilo que é belo e duradouro.

A escrita, em todas as áreas do conhecimento, é o meio que a humanidade encontrou de propagar ideias, de trazer à luz os sonhos e de implementar ideais. Mas não só isso. É o modo pelo

qual podem todos os temas e assuntos serem apresentados, noticiados, formulados, contados, recontados e, até mesmo, adulterados ou falsificados. A par dos seus benefícios, observe-se, os meios de comunicação e a evolução da *Internet* tornaram também possível, com velocidade incomparável, maior do que em qualquer outro tempo da história, a propagação de *fake news* e do chamado *hate speech*, ou discurso de ódio. Bastaram duas linhas escritas e alguns cliques para que milhares de insurgentes tomassem prédios públicos e atentassem contra a ordem democrática e o Estado de Direito, dilapidando o patrimônio público e muito do acervo artístico e cultural brasileiro, em uma das cenas mais abjetas já vistas em nosso País.

As agremiações literárias, não bastassem suas atividades tradicionais, têm, doravante, também a responsabilidade de combater ferozmente aqueles que, em nome do que julgam ser “liberdade”, destroem sem causa os emblemas maiores de uma Nação. As Academias têm, portanto, o dever de bem e fielmente informar, trazendo para si essa responsabilidade, de tempos em tempos tão necessária, não só ao esclarecimento da sociedade, bem como daqueles que a lideram e a governam.

Este o motivo principal, senhor Maestro Fabrício Carvalho, porque devemos estar alertas a tudo quanto se produz e se realiza no âmbito de agremiações literárias, sempre abertos à sociedade

para além dos muros e livres de todo e qualquer tipo de opressão, combatendo ferozmente a propagação de notícias falsas, de discursos de ódio e quaisquer formas de discriminação. Devemos, como decorrência desse mister, deixar a nossa impressão e a nossa marca no entorno das pessoas que nos envolvem, enquanto união de homens e mulheres versados nas letras e amantes da cultura, porque, além do culto à beleza – lembremo-nos novamente do nosso emblema *pulchritudinis studium habentes* –, temos também a fiel obrigação de cultivar a *verdade*.

Por outro lado, mesmo à luz daquelas letras que se mantêm *sóbrias* corre-se o risco imenso de cedência à *vaidade*. Mathias Aires destacou com clareza cristalina, em suas *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, que “[a] vaidade das letras é maior do que a vaidade das armas”, pois enquanto “as armas fazem o mal, mas acabam com ele, as letras o mal que fazem, dura; as armas, causam; as letras, não; a espada nem sempre pode usar de força e de traição; a pena sempre pode ser traidora e aleivosa; é arma que não pode acautelar-se; quanto mais leve e mais sutil, mais perigosa: aqui vem o serem as letras de algum modo inexpugnáveis, e por consequência vaidosas, porque o ser invencível precisamente influi vaidade”.²

Tenho a certeza, senhor Maestro, de que o seu ingresso como Acadêmico neste Sodalício vem acompanhado de tais

2. AIRES, Mathias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens & Carta sobre a fortuna*. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008, p. 126-127.

características, com sobriedade e alheio às vaidades, pois de todos é conhecida a sua figura *política* – para além de artística – como gestor na Universidade Federal de Mato Grosso e enquanto espectador engajado das questões culturais e sociais deste Estado. As suas preocupações têm sido estampadas na imprensa mato-grossense há vários anos, dando o tom de sua sensibilidade política, para além de artística, certo de que esse reconhecimento chega com grande vigor agora, com a sua eleição e posse nesta Academia de Letras.

Por isso, não tenho dúvidas de que ganhará muito a Casa Barão de Melgaço com a pessoa do senhor em nosso seio no âmbito desta confraria, seja em razão de sua própria figura, representativa do regente e do artista reconhecido, ou por conta do seu carisma e sensibilidade para tratar dos temas e assuntos que nos interessam enquanto agremiação literária e cultural do Estado de Mato Grosso, guardada, me permita, esta breve e necessária advertência que acabo de lhe empenhar.



Senhoras e senhores.

O novel Acadêmico aqui ingressa pela difusão de ideias que agregam a cultura à política e aos temas sociais. A par disso, recordo que o novel Acadêmico já participou de dois trabalhos de minha

lavra, tanto com o belíssimo prefácio ao meu livro *Chopin*³ quanto com o ensaio sobre sensibilidade e verdade das informações na equalização das diferenças sociais, na obra *Arte, cultura e civilização* que organizei pela Editora Letramento em 2021.⁴ Neste momento, no entanto, é hora de compreendermos o papel *além da orquestra* do Maestro Fabricio Carvalho, a partir do lançamento de seu livro primogênito *Outros ensaios*.⁵

Fui brindado pelo autor a prefaciар este seu significativo livro, que nos apresenta um Maestro agora preocupado com a situação do Brasil atual e engajado nas transformações sociais de que a nossa sociedade carece. Seus comentários e suas preocupações têm atingido milhares de interessados, como eu, preocupados em conhecer a visão do intelectual e artista sobre os temas lançados à luz nos periódicos de nosso Estado.

Este seu primogênito livro reúne os principais ensaios publicados pelo Maestro nos últimos anos, revelando a sua visão de mundo – sobretudo da arte, da cultura e da política – e o seu entendimento sobre cada qual dos temas investigados. Não se trata de assuntos intrinsecamente ligados, não obstante os temas

3. MAZZUOLI, Valerio de Oliveira. *Chopin*: elementos de pianística e impressões sobre a vida e obra. Belo Horizonte: Letramento, 2020, p. 11-14 [Prefácio].

4. MAZZUOLI, Valerio de Oliveira; MORBACH, Gilberto (Org.). *Arte, cultura e civilização*: ensaios para o nosso tempo. Belo Horizonte: Letramento, 2021, p. 172-177.

5. CARVALHO, Fabricio. *Outros ensaios*: reflexões sobre arte e sociedade. Cuiabá: Umanos, 2022.

artísticos, culturais e políticos seguirem sempre uma linha coerente de pensamento. Ademais, o que revela a singularidade deste opúsculo é exatamente a diversidade que nele se faz estampar, seja a de assuntos ou a de ideias e pontos de vista.

Quem, como eu, conhece o Maestro Fabricio Carvalho e desfruta de sua amizade há tantos anos sabe como a diversidade é também regente de sua própria existência, não apenas advinda da alma do respeitado artista e músico, senão também de sua presença marcante em outros palcos, como o político. De fato, na personalidade e na conduta do Maestro Fabricio Carvalho há sempre essa marca constante, perceptível a todos, de respeito à variedade e multiplicidade de ideias e de aquiescência plena ao debate franco e aberto, com ações concretas, sem conjecturas menores. Tal é o que o retira da condição – cômoda a muitos intelectuais – de espectador à distância dos problemas apresentados, trazendo-o para o cerne do debate social – artístico, cultural e político – presente nos tempos atuais em Mato Grosso e no Brasil.

Somadas essas características pessoais e intelectuais do Maestro Fabricio Carvalho, tenho a certeza de que novel Acadêmico aqui ingressa com notáveis qualidades, e que saberá utilizá-las em proveito desta Academia de Letras e da sociedade mato-grossense em geral, à guisa do tem feito durante todos esses anos na

Universidade Federal de Mato Grosso, *locus* de educação e cultura de que tenho a honra de também integrar na qualidade de docente efetivo da Faculdade de Direito.

A sua inteligência e sabedoria certamente contribuirão para o desenvolvimento de uma musicalidade tão necessária a esta Casa de Letras, que tem às vezes carecido de maior oportunidade artística e cultural, não obstante todos os esforços realizados nesse sentido há algum tempo, notadamente nas duas gestões da Confreira Sueli Batista dos Santos.

Oxalá que se abram as portas desta Academia para todas as formas de manifestação cultural, deixando para as nossas *letras* a imortalização de todas essas realizações. Apenas assim lograremos unir as *artes* às *letras* em um só mosaico cultural, em prol do Estado de Mato Grosso e do Brasil.



Senhor Maestro Fabricio Carvalho.

Com o seu ingresso em nosso seio e em nosso meio, a batuta e a caneta passam, doravante, a andar juntas: uma regendo a orquestra, dando vida à música, e outra demarcando espaços e fixando os verdadeiros propósitos na escrita que lhe compete.

Noto, nesse sentido, como a escrita guarda correlação estreita com a música, em mesma ou maior complexidade do que

com a literatura, pois, de fato, a música é também *escrita* em linhas próprias, naquilo que se denomina *partitura*. De fato, a expressão musical se *escreve* tal a expressão literária, inclusive com as mesmas ferramentas: antigamente, o lápis e a borracha; hoje, o teclado e o *mouse* do computador.

Aqui, no entanto, estou a falar do regente – não do compositor – que se tem transformado ultimamente em escritor, é dizer, em escritor de literatura *lato sensu*, em escritor, podemos assim dizer, *literário*, no âmbito daquilo que lhe interessa, não daquele que transfere para o papel a sua intenção musical, que, não há dúvidas, também é o seu caso. Aqui, contudo, estamos e pertencemos a uma Academia de Letras, tais as que lhe trouxeram até este momento de jubilosa posse.

Qual, então, as diferenças e semelhanças entre a batuta e a caneta? Explico. A batuta é leve, consegue brincar no ar e está sempre ativa, a todo momento com a cabeça erguida, parecendo, aos olhos da criança, uma varinha mágica, que verdadeiramente faz “mágica”. A batuta é, como se sabe, objeto maleável, flexível, que, a gosto do maestro, pode alterar repentinamente o andamento ou a intensidade sonora de uma determinada peça. Por isso, é quase lúdica nas mãos do regente, que a mantém em mãos, no entanto, com enorme responsabilidade. A caneta, a seu turno, têm os olhos voltados para baixo, além de ser dura e inflexível, funcionando

apenas quando pressionada, em contato firme com o papel, chegando a maltratá-lo e, às vezes, a machucá-lo. Uma vez escrito e estampado, o texto e as palavras que o compõem não se alteram, não se modificam, nem na sua cadência nem na intensidade de seu significado; e, se pretender o seu “regente” – o *escritor* – levar a cabo qualquer alteração posterior, estará impedido pela muralha impenetrável da capa e da lombada do exemplar, protegidas por cola e por costura firmes.

Na orquestra, a cada espetáculo, uma nuance ou interpretação distinta sempre vêm à tona, pois o espírito do maestro não é o mesmo, o dos músicos não é o mesmo, as afinações e suas respectivas frequências já não são as mesmas, e os espaços de exibição, muitas vezes, também são distintos. A cada espetáculo, da mesma forma, a flexibilidade da batuta tem o poder de modificar toda a atmosfera da obra. Nada disso ocorre com a caneta e com o papel, porque, uma vez escrito e publicado, o texto jamais se apaga, os acentos permanecem intactos e as vírgulas não saem do lugar. Tudo é absolutamente *imóvel*, completamente *fixo*. Nada se move e não há *nuances* em um singular, em um plural ou em uma concordância grafada equivocadamente. A caneta é, enfim, *duríssima*. O texto é *estático* e o livro é *físico*.

Portanto, passar da regência para a composição, musical ou literária, transferindo a batuta para a caneta, é um salto que apenas

os grandes conseguem dar. É por isso que se diz serem Imortais os membros das Academias de Letras, pois tudo o que se escreve se torna perene, *ad aeternum*; dialoga-se com o porvir, sabendo-se já que o nosso fim será breve; espera-se do futuro que se reconheçam os feitos do presente, sem confirmação alguma sobre tal expectativa.

O senhor – prezado Maestro Fabricio Carvalho – entra hoje para a esta imortalidade, podendo brilhar também neste novo palco, a reger tudo quanto pretender na produção intelectual que, doravante, a sua inteligência venha a proporcionar. Por isso, tenho a grata satisfação de lhe dizer, em meu nome e em nome dos Confrades e Confreiras que o elegeram para esta Casa de Letras, que muito felizes estamos em franquear-lhe este palco da cultura letrada mato-grossense para o seu espetáculo unipessoal. Este palco, meu caro Maestro, a partir de hoje, passa a também ser seu. Desfrute-o bem, unindo-se a nós para fazer dele – com a batuta, com a caneta, ou com ambos esses instrumentais – aquilo que nós aspiramos e desejamos quando decidimos torná-lo um de nossos Imortais.

Seja muito bem-vindo!